



Fonte: <https://animalequality.org.br/>

Pobres Galinhas Poedeiras

Só há dois destinos para as galinhas da indústria da pecuária intensiva: o abate ou a escravidão pela indústria de ovos.

Acreditar que galinhas poedeiras são mais felizes porque vivem mais, é pura ilusão!!!

Na avicultura intensiva, as galinhas são criadas em sistemas de confinamento, em gaiolas de espaços minúsculos, passando toda a sua vida sem ver a luz do sol, em pisos de arame que, na maior parte das vezes, causam lesões graves em suas patas. O espaço é tão pequeno, que as galinhas não conseguem fazer ninhos para colocar seus ovos, nem tão pouco abrir suas asas ou deitar na areia. O confinamento leva ao estresse, e não raras vezes, se tornam agressivas, bicando-se umas as outras, causando ferimentos, que em alguns casos podem levar à morte. Tudo isso para facilitar o controle e a aplicação de tecnologia, e, é claro, para otimizar a produção de ovos e os lucros.

Para evitar as bicagens, e porque não dizer, o canibalismo, existe uma prática, no nosso entender, desumana, que é a debicagem, que consiste na remoção parcial dos bicos. Essa prática é controvertida, contrária ao bem-estar animal, pois além de causar dor, considerando-se que o bico das aves possui terminações nervosas e tecido vascular, causa estresse psicológico, porque dificulta a alimentação, visto que as aves precisam se adaptar à nova forma do bico. Infelizmente, embora essa prática seja proibida em alguns lugares e em algumas situações, na verdade, não existe nenhuma lei federal específica que proíba tal procedimento. No entender do Estado, não é considerada uma forma de maus tratos.

Segundo dados da Embrapa, publicados no Globo Rural de 17/06/24, a produção de uma galinha, durante a vida, pode chegar a 500 ovos.

Existem algumas empresas que já quase no fim da vida produtiva das galinhas, para estimular a produção, deixam-nas sem alimento e sem água por vários dias.

Por fim, quando não têm mais valor para a indústria, são levadas para o abate, podendo ser utilizadas na produção de carne, farinha de ossos, etc.

Mas a exploração e a crueldade não param por aqui. Existem outros tantos absurdos que a humanidade desconhece.

Segundo um artigo publicado em 12/09/23, no site da [Animal Equality](#), todos os pintinhos machos que forem inadequados para a produção de carne, serão mortos ao nascer, jogados vivos em um triturador, prática essa, que embora combatida por milhões de pessoas, ainda é amplamente utilizada.

O PL 783/24, em tramitação no Congresso Nacional, aprovado pela Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara dos Deputados, aguardando designação de relator (a) na Comissão de Finanças e Tributação (CFT), visa proibir o descarte cruel de pintinhos machos na indústria de ovos. O PL está disponível, na íntegra, no Portal da Câmara dos Deputados (www.camara.leg.br).

Uma boa razão para que esse PL seja aprovado, é a nova tecnologia que já está sendo amplamente utilizada em países da Europa e nos EUA, e que nos parece uma alternativa mais ética, que é a “sexagem in-ovo”, que permite identificar o sexo do embrião antes da eclosão, evitando o abate dos pintinhos.

A boa notícia é que segundo artigo publicado em 31/07/25, no site www.comprerural.com, a Empresa Raiar Orgânicos, a maior produtora de ovos orgânicos no Brasil, comprometida com o bem-estar animal, já está fazendo uso da tecnologia, através da máquina “Cheggy”, da empresa alemã Agri Advanced Technologies GmbH (AAT). A empresa Raiar é a pioneira na América Latina a fazer uso da tecnologia “Cheggy”, podendo identificar se um embrião está se desenvolvendo como macho ou fêmea durante a incubação. O sistema capta espectros de luz que permitem detectar diferenças na coloração das penas entre embriões machos e fêmeas, evitando o nascimento de pintinhos machos.

Esperamos que mais empresas possam assumir compromisso com a nova tecnologia, evitando assim o massacre de aproximadamente 100 milhões de pintinhos a cada ano.